

## A CRISE

Passei um mês fora do mundo, abatido por uma tristeza indizível, fui devagar voltando ao convívio normal, tornando a abrir jornais para verificar que a preocupação com a crise continua absolutamente dominante no noticiário brasileiro, a despeito de um evidente esforço da mídia para mostrar que ela começa a amainar.

A crise continua sendo o tema principal das conversas em geral, e eu continuo, pessoalmente, julgando que ela foi provocada pelas “forças do mercado”, para chamar o povo ao golpe do impeachment, e acabou fugindo ao controle dessas “forças”, aprofundada pela fraude que se seguiu ao golpe.

A Constituição Brasileira mudou a forma de eleição do vice-presidente, que era independente e passou a ser ligada indissolúvelmente à do presidente, precisamente para evitar uma mudança da linha política do governo em caso de um impedimento pessoal de presidente, como aconteceu com João Goulart em sucessão ao renunciante Jânio Quadros. Pois bem, afrontando o espírito da Constituição, o vice que assumiu agora de forma ilegítima mudou radicalmente a orientação política do governo Dilma Rousseff que, apesar de alguns erros, era eminentemente desenvolvimentista e claramente buscava novas alianças internacionais para se libertar da dominação do Grande Capital.

Eis a fraude depois do golpe. Na verdade a fraude, a mudança de política, foi o real objetivo do golpe: o governo brasileiro, ilegítimo, ignorou a Constituição antes e depois do golpe, e retornou ao desacreditado neoliberalismo e à submissão ao domínio do Grande Capital. Gigantesca fraude, que agride a Constituição, tem origens fora do País e aprofunda a crise de tal forma que o horizonte fica completamente escurecido para os brasileiros.

Cumprido o objetivo principal dos entreguistas, inicia-se agora o movimento para legalizar “certo tipo de corrupção”, que não seria mais considerada como tal, na medida em que é praticada por todos, e esta prática generalizada torna o procedimento “normal”. A propósito, o chargista Claudio Paiva, na sua última anedota, coloca um advogado argumentando diante de três juízes de um tribunal: “meu cliente roubou, estuprou e matou, sim, mas quem nunca roubou, estuprou e matou neste país?”

Bem, escancara-se o fato de que o golpe não tinha como fim combater a corrupção mas sobretudo mudar radicalmente a linha econômica e a política externa do governo brasileiro.

Mas haveria então uma luz no fim do túnel: no próximo ano teremos eleições gerais e o povo poderá escolher seus candidatos com liberdade até ampliada pela proibição de doações empresariais. O eleitor poderá escolher os candidatos que representam a direção política que ele, povo, acha mais adequada aos seus interesses e ao interesses da Nação Brasileira. A legitimidade do governo se restabelecerá e a crise será então finalmente superada.

# CORREIO SATURNINO

---

Artigo nº 424/2017

Será?! Será que este poder dominante, que não teve nenhum escrúpulo para dar o golpe e tirar do poder a pessoa mais honesta dentro de todo este quadro de corrupção generalizada, será que este poder vai permitir que o povo escolha livremente e chame de volta ao poder aquela linha política mudada fraudulentamente?

Será tão incompetente este poder tão inescrupuloso? Será que não recorrerá a um novo golpe?

Eis a razão da minha apreensão, quase desânimo, diante da crise que estamos enfrentando, chafurdando nela, para infelicidade do povo brasileiro e gáudio do poder dominante que concebeu o golpe do impeachment e a fraude do neoliberalismo triunfante.

---

**Roberto Saturnino Braga**

rsaturninobraga@gmail.com  
www.saturninobraga.com.br